

Vítor Teixeira um percurso heterodoxo

Paulo Morais - Alexandre

Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes (CIEBA), Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa, Portugal; Instituto Politécnico de Lisboa, Escola Superior de Teatro e Cinema, Avenida Marquês de Pombal, 22 B, 2700-571 Amadora, Portugal.

Sócio correspondente da Academia Nacional de Belas Artes.

pmorais@estc.ipl.pt

Resumo

Vítor Teixeira vive na Casa de Saúde do Telhal sofrendo de doença do foro mental. Tendo tido alguma formação base na esfera do design, embora incompleta, começou a dedicar-se como terapia à Pintura, integrando o Ateliê Estúdio de Arte, iniciando uma produção que se considera relevante. Visa-se, assim, uma análise não sob o ponto de vista da terapia, mas da própria obra que se considera que merece ser estudada enquanto tal, sobretudo na vertente da criatividade e da estética.

Palavras chave

Arte, Demência, Pintura, Desenho

Abstract:

Vítor Teixeira lives in the Telhal Health House suffering from mental illness. Having had some basic training in the sphere of design, although incomplete, he began to dedicate himself to painting as a therapy, joining Ateliê Estúdio de Arte, starting a production that is considered relevant. Thus, an analysis is aimed, not at the therapy point of view, but at the very work that is considered worthy of being studied as such, especially in terms of creativity and aesthetics.

Keywords

Art, Madness, Painting, Drawing

I like to think that one day after I die, at least one small particle of me - of all the particles that will spread everywhere - will float all the way to Neverland, and be part of a flower or something like that, like that poet said, the one that your Tik Tok loved. I like to think that nothing's final, and that everyone gets to be together even when it looks like they don't, that it all works out even when all the evidence seems to say something else, that you and I are always young in the woods, and that I'll see you sometime again, even if it's not with any kind of eyes I know of or understand. I wouldn't be surprised if that is the way things go after all - that all things end happy. Even for you and Tik Tok. and for you and me.

Jodi Lynn Anderson - Tiger Lily

Introdução

Na sequência de vários anos a publicar textos para catálogos de exposições sobre a produção de obras de artes plásticas por artistas contemporâneos houve, no já remoto ano de 2006, o confronto com a obra de um notável pintor, portador de doença do foro psiquiátrico, Pedro Sande e Castro, uma primeira visão de uma criatividade e instauração que mereciam ser estudados, não independentemente da condição, mas com análise própria e quase puramente plástica, o que foi feito e resultou numa aprendizagem diferenciada, nomeadamente numa abordagem muito específica às questões suscitadas por Jean Dubuffet quando estabeleceu o conceito de *Art Brut*. Foi este criador que, na sequência do contacto com artistas que estavam internados em hospitais psiquiátricos, iniciou o projeto de registar a existência de uma "outsider art" e de a divulgar¹.

Perante o convite para escrever um texto para o catálogo de uma exposição de pintura e desenho de dois irmãos, no Museu de São João de Deus, um dos quais já com algum percurso expositivo e com formação na área, Paulo Teixeira, e outro, o seu irmão Vítor Teixeira, internado na Casa de Saúde do Telhal, onde se tem dedicado a desenhar e a pintar, foi decidido ampliar esse estudo e perquirir de forma mais aprofundada a obra deste último. Assim, analisa-se no presente artigo a vida e a obra de Vítor Teixeira.

Importa antes de mais referir que, não obstante a intenção expressa dos ateliês artísticos que são promovidos por instituições destinadas a promover a saúde mental, nomeadamente os das seis Casas de Saúde do Instituto São João de Deus, onde a preocupação central é obviamente o bem-estar do doente e sobretudo a melhoria da sua condição², a abordagem que aqui se propõe é exatamente a oposta, ou seja, a preocupação do presente texto não é de todo a sanidade do artista, ou a sua qualidade de vida, mas o resultado da sua criação plástica, sabendo-se, obviamente, que esta seria diferente perante outro caso clínico. Assim, não foi sequer ensaiada uma análise do ponto de vista clínico, servindo este meramente como enquadramento e nada mais, embora tal não seja despendendo. A pesquisa realizada permitiu um

total afastamento do pressuposto estabelecido no já remoto ano de 1900 por Júlio Dantas em *Pintores e poetas de Rilhafolles: Estudos sobre as manifestações artísticas em certas psicoses*, onde este autor não reconhecia qualquer capacidade de produzir arte ao “alienado”.

*O valor esthetico é minimo ou nullo. Quasi toda a documentação, pelo lado pictural, se reduz a figurações toscas, archi primitivas, ricas como elementos de estudo para o psychiatra, mas d’uma pobresa franciscana como valorisação esthetica.*³

Efetivamente o aspeto da criação artística merece ser estudado e, sobre as questões que relacionam a criatividade com a demência, veja-se a relevante investigação desenvolvida por Kay Redfield Jamison, Nancy Andreasen ou Arnold Ludwig, mas também o artigo de Judith Schlesinger- “Creative myth-conceptions: A closer look at the evidence for the “mad genius” hypothesis.”⁴, onde é ensaiada uma análise crítica às obras dos referidos investigadores. Assim, o que aqui se apresenta é a visão e a análise do investigador de Arte e não a do orientador⁵.

Enquadramento

Vítor Teixeira não é caso único, nem em Portugal, nem internacionalmente. São abundantemente notórios casos de criadores que sofreram de graves perturbações mentais, que implicaram mesmo muitas vezes o seu internamento, sendo bem conhecido e estudado o percurso de autoras como Camille Claudel, Séraphine de Senlis, Aloïse Corbaz e até de tantos outros.

Nas obras destas artistas plásticas há a referir, por vezes derivado do quadro clínico, um pendor para uma produção com características expressionistas, da qual são exemplos maiores as obras de Vincent van Gogh e Edvard Munch⁶, o que como se verá, é também o caso de um núcleo muito significativo das intervenções de Vítor Teixeira, sobretudo as de uma primeira fase.

Em Portugal há vários casos a referir. Recentemente, no ano de 2013, foi realizada uma ampla exposição com curadoria de Álvaro Lobato de Faria, o diretor coordenador do MAC - Movimento de Arte, apresentada sucessivamente no Museu Nacional Soares dos Reis e no Museu do Oriente e da qual existe um completo e bem interessante catálogo que evidencia este particular universo de criação⁷. Nesta exposição foram divulgadas as obras de um número significativo de «[...] pessoas com problemas de saúde mental integradas em várias entidades de reabilitação psicossocial das mais diversas regiões de Portugal Continental.»⁸.

Uma importante pergunta surge desde logo: será que tudo o que foi exposto e está no catálogo é Arte?

Não se subscreve de forma linear a propalada afirmação de Dino Formaggio: «L’arte è tutto ciò che gli uomini chiamano arte.»⁹, que aliás Vicente

Todoli, com subtis alterações viria a retomar¹⁰, e que é recuperada pelo já referido Álvaro Lobato de Faria no seu texto de apresentação da exposição. Importa referir que esta citação foi registada num contexto muito particular, num momento em que se desenvolvia o conceito de conceptualismo, sendo importante referir que esta frase não prescreve que tudo seja Arte, o que memorizaria os trabalhos que o são efetivamente¹¹. Ainda assim, prefere-se uma outra definição de Arte, ainda que igualmente bastante lata, mas mais restritiva: Arte é a introdução no nosso ambiente, pelo ser humano, de formas que anteriormente não existiam e que podem ser experimentadas esteticamente. O próprio catálogo reconhece que há diferenças no trabalho realizado e assume que houve uma seleção baseada no trabalho «[...] dotado de maior qualidade (entenda-se qualidade no sentido da diferenciação do talento e que melhor ilustra a temática avaliada pela equipa de peritos que estiveram no levantamento e seleção das obras) [...]»¹².

Há um caso muito particular, absolutamente excecional a vários níveis e que merece ser referido e até particularizado, o do pintor Jaime Fernandes que sofrendo de esquizofrenia paranoica, que o levou a viver internado no Hospital Miguel Bombarda, num muito curto período de quatro anos, já no fim da sua vida, se dedicou ao desenho, deixando uma obra absolutamente impar, tão extraordinariamente documentada no filme *Jaime*, do realizador António Reis¹³ e alvo de uma exposição póstuma em novembro de 1980 na Fundação Calouste Gulbenkian, onde foram apresentados 74 dos seus trabalhos¹⁴, seguida de uma nova mostra da sua obra, em 1981, na 16.ª Bienal de São Paulo no âmbito da *Exposição de Arte Incomum*, com curadoria de Victor Musgrave¹⁵.

Percurso e obra

Vítor Manuel Estevão Teixeira, que viria a assinar as suas criações como Vítor Teixeira, nasceu na Venda Nova, Amadora, no dia 14 de fevereiro de 1960.

O percurso de Vítor Teixeira é particularmente heterodoxo já que que, por motivo de doença do foro mental que se começa a manifestar no final da adolescência, cedo se veria obrigado a viver na Casa de Saúde do Telhal. Não obstante, após uma fruste passagem pelo curso superior de Jornalismo na Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde residiu vários anos, de regresso à cidade de Lisboa, na busca de um sentido para a sua vida¹⁶, começou-se a interessar pelas linguagens plásticas, o que o levou a frequentar, sem concluir o estágio, o Curso de Técnico de Design Industrial da Escola Profissional Gustave Eiffel e a frequentar o Curso de Formação Artística da Sociedade Nacional de Belas Artes, nomeadamente “História da Arte” e “Estética” na área teórica, mas também as matérias práticas como “Pintura” e “Desenho de Modelo”, onde chegou a ser aluno do escultor Quintino Sebastião e incorporou os ensinamentos deste, mas também os prescritos por Kimon Nicolaidis na seminal obra *The Natural Way to Draw: A Working Plan for Art Study*, nomeadamente que



Figura 1: Vítor Teixeira – Retrato de desconhecido (fotografia de Raquel Pedro)

«There is only one right way to draw and that is a perfectly natural way. It has nothing to do with artifice or technique. It has nothing to do with aesthetics or conception. It has only to do with the act of correct observation, and by that I mean physical contact with all sorts of objects through all the senses.»¹⁷. Registe-se que este teorizador da aprendizagem do desenho acrescenta a necessidade da prática continuada, sob o risco de se perder a capacidade, o que Vítor Teixeira cumpre no presente, mas não terá sido sempre assim, embora numa análise mais atenta a todas as suas obras, se verifique que esta aprendizagem jamais foi esquecida, ou ignorada, mesmo quando não parece tão óbvio, como no *Retrato de desconhecido*, onde até é possível verificar influências das primeiras obras do cubismo picassiano, nomeadamente a forma como é representado o nariz e os contornos dos olhos.

A permanência prolongada no Casa de Saúde do Telhal estimulou a sua atividade artística, com uma produção plástica continuada, a partir de exercícios semanais feitos em coordenação com um programa, o museu e a própria família, integrando o Estúdio de Arte ExpressAR.TE, do Serviço de Reabilitação Psicossocial integrado no ExperimentAR.TE da Casa de Saúde do Telhal, um espaço de experimentação onde se estimula o desenvolvimento de linguagens artísticas, do desenho à fotografia, mas também escultura, pintura, multimédia e até poesia, onde o utente tem à sua disposição as ferramentas necessárias para a criação. Vítor Teixeira tem bastante versatilidade e no seu labor oficial explora os materiais, mistura técnicas, sendo de relevar a sua aptidão para o trabalho, que também deriva de uma capacidade de concentração aliada a uma disciplina de trabalho, a que se dedica afincadamente, visível na investigação que é feita pesquisando da internet, em livros e revistas que encontra na Biblioteca do Museu São João de Deus, nomeadamente sobre religião, sobre a existência, no fundo sobre o “Sentido da Vida”¹⁸.

Perante esta possibilidade abria-se para Vítor Teixeira uma via de experimentação e exercício de linguagens artísticas. É de referir que há em Vítor Teixeira uma curiosidade que o levou a experimentar e a exercitar-se em cada uma das formas de expressão, algo que sentiu muitas vezes como um desafio, mas fixando-se depois sobretudo no desenho e na pintura.

O próprio autor tem consciência do que faz, da importância do seu trabalho oficial e, até, da importância do convívio com os colegas que partilham o espaço, onde naturalmente surgem tertúlias, que integra de bom grado e onde variadíssimos temas são discutidos, aceitando os desafios que lhe são propostos, como a realização de uma exposição conjunta com o seu irmão Paulo Teixeira. Segundo as suas próprias palavras:

Acho que sou persistente no meu trabalho e procuro através dele transmitir o que sinto e vejo à minha volta. No Estúdio de Arte sinto-me na minha esfera, convivo com os outros e estou aberto a sugestões. Em relação ao último desafio, com o meu irmão, acho que estive bem, foi uma experiência e tanto! E espero continuar pois o meu objetivo é aperfeiçoar-me mais um pouco.¹⁹

Expôs as suas criações já por várias vezes, nomeadamente na já referida e relevante exposição no Museu Nacional Soares dos Reis e no Museu do Oriente no ano de 2013, com um perturbante autorretrato, com clara remissão para a obra de Emil Nolde²⁰. Em 2006 participou no 13.º concurso / exposição Arte e Criatividade promovido pela Câmara Municipal de Almada.

Sejam ainda registadas as várias exposições das suas obras no Museu São João de Deus, nomeadamente *Manual de Boas Práticas Artísticas e Culturais*, um ateliê de arte urbana / pintura sobre objetos reciclados; *des.Feitos*, um projeto artístico baseado na reutilização de desperdícios



Figura 2: Vítor Teixeira no ateliê
(fotografia de Carlos Vivo/
Casa de Saúde do Telhal)

Figura 3: Vítor Teixeira – Autorretrato
(fotografia de Raquel Pedro)



de medicação; *Um Novo Estado Criativo*, a partir de um projeto da #P28 “Arte Bruta em Portugal” que recebeu apoio do Ministério da Cultura; *Eu sou zero?* *Os novos São João de Deus*, com uma revisitação da iconografia deste santo; *Dans le Rôle*, com a importante missão declarada de luta contra o estigma da saúde mental e onde expôs um número significativo de autorretratos; *Retrato e Caricatura, Traços da Alma* que decorreu na Casa da Cultura Lívio de Moraes em Mira-Sintra; *Meio cheio ou meio vazio?*, uma exposição realizada por ocasião dos cinquenta anos da Unidade de Alcoologia “Novo Rumo” e integrada no Encontro de Alcoologia.

As suas obras constam de vários catálogos, nomeadamente do *Catálogo de Obras de Arte* editado pela Associação Nacional de Arte e Criatividade de e para Pessoas com Deficiência (ANACED) em 2015²¹.

Ensaçando uma caracterização das obras, estas estarão situadas entre uma óbvia naïveté, a tal relação com as obras de Séraphine de Senlis ou Aloïse Corbaz, um expressionismo, muito perto do de Emil Nolde, do alemão George Grosz, ou do belga Gustave De Smet, mas que e ao contrário do que eventualmente seria de esperar, onde também se percebe uma capacidade de compreender certos aspetos de composição e de jogo cromático, sobretudo nas obras mais recentes, que lhes trazem uma nova calma, até serenidade, o que permite estabelecer uma relação com outras referências, como a obra do belga Hippolyte Daeye.

No presente Vítor Teixeira prepara uma exposição, onde confrontará as suas obras com as do seu irmão Paulo Teixeira e a poesia de seu pai Manuel José Teixeira, sob a designação de *Traços de Família*.

A partir de um conjunto de fotografias, de um passado em alguns casos relativamente recente, foram criadas várias pinturas e uma colagem.

A designação encontrada *Traços de Família*, é particularmente clarificadora do que se pretende, porque é exatamente disso que se trata, de traços familiares, ou seja, denominadores comuns que podem ser encontrados numa família e que neste caso se conjugam com uma necessidade de expressão plástica. Este tema serve de ponto de partida, de motivação, para a criação de um conjunto muito coerente de obras, onde Vítor Teixeira expõe o que para ele é a sua teia de relações familiares, não se atendo apenas a um meio, mas oscilando entre a pintura, a colagem e o desenho. Paralelamente enfrenta um novo desafio relacionado com a dimensão do suporte escolhido já que este aumenta significativamente, sendo as obras realizadas sobre uma superfície de 100cmX70cm, o que tem implicações sobre toda a composição.

Analisadas as obras, no resultado final há uma muito interessante surpresa porque, desde logo, é possível verificar que há mais do que uma capacidade técnica uma capacidade de ver, de sentir e de registar plasticamente, que se evidencia claramente. Há efetivamente da parte de Vítor uma aptidão para pensar plasticamente, o que não é comum em termos gerais. Há, pois, a certeza de uma enorme inteligência como é provado na obra *Os dois irmãos*.

Chame-se ainda à colação Umberto Eco e a sua *Obra Aberta* e aborde-se a importância, mais do que da obra final, do percurso e até das suas contingências e condicionantes, mas seja permitido afirmar que neste caso o processo, não “serve de desculpa” ou diminui a obra concluída, já que esta vale por si, embora obviamente que se cumpram várias das características do discurso aberto, quando na pintura de Vítor Teixeira se assume que esta remete não apenas para as «[...] coisas de que ele fala, mas ao modo pelo qual ele as diz.»²² e que, paralelamente, como afirmou Eco «As coisas de que nos fala nos aparecem sob uma luz estranha, como se as víssemos agora pela primeira vez; precisamos fazer um esforço para compreendê-las, para torná-las familiares, precisamos intervir com actos de escolha, construirmos a realidade sob o impulso da mensagem estética, sem que esta nos obrigue a vê-la de um modo predeterminado. Assim, a minha compreensão difere da sua, e o discurso aberto torna-se a possibilidade de discursos diversos, e para cada um de nós é uma contínua descoberta do mundo.»²³

Paralelamente à sua prática oficial, no seu desejo de se expressar através do desenho, no seu labor diário o artista faz-se acompanhar de cadernos onde regista tudo o que entende fazer sentido, criando diários gráficos, no presente já várias dezenas, onde guarda de forma a roçar o obsessivo os eventos que o marcam, as experiências que vive, mas aí recolhendo também textos com que se cruza e lhe parecem relevantes, que muitas vezes ilustra. O número significativo destes diários e a sua qualidade impõe que estes sejam recolhidos, inventariados, estudados e alvo de exposição (imagem 6).

Um aspeto deve ser referido, não houve jamais uma estagnação, antes pelo contrário, como é referido por Raquel Pedro, a responsável pelo ateliê artístico Estúdio de Arte / ExpressAR.TE. Todos os que lidam com o autor são unânimes em constatar que houve efetivamente uma evolução



Figura 4: Vítor Teixeira – Retrato de família, detalhe – autorretrato (fotografia de Paulo Teixeira)

Figura 5: Vítor Teixeira – Os dois irmãos (fotografia de Paulo Teixeira)





Figura 6: Vitor Teixeira - Diário gráfico
(fotografia de Raquel Pedro)

Figura 7: Vitor Teixeira - Na praia
(fotografia de Paulo Teixeira)



a vários níveis, nomeadamente através do ganho de uma autonomia na sua forma de criar, só possível pelo trabalho intenso, árduo e disciplinado a que Vítor Teixeira se vem dedicando²⁴, que permite antever novas criações onde uma nova evolução será, sem dúvida, visível.

Em termos temáticos, embora os motivos para as suas obras sejam variados, há um núcleo que se destaca, a representação humana, em particular o autorretrato, mas também o retrato dos que lhe são próximos ou queridos, nomeadamente o seu núcleo familiar mais próximo, o pai, o irmão e também a mãe, prematuramente desaparecida. Se há claramente mais expressão, que chega a raiar a agitação, quando se representa, nas outras obras há a expressão de uma imensa melancolia, mas também uma serenidade imanente a um estado de espírito, por onde flui uma felicidade triste. Esta é objetivamente a forma que diferencia a sua obra da de outros criadores com doenças do foro mental, normalmente com obras onde está imanente uma enorme agitação interior, algo que não sucede no caso em apreço. Veja-se a título de exemplo o detalhe do seu autorretrato na obra *Retrato de família* (imagem 4), a forma como se representa na companhia de seu irmão Paulo Teixeira em *Os dois irmãos* (imagem 5), o seu melancólico autorretrato em *Na praia* (imagem 7), ou a sua representação em *Com a mãe* (imagem 8), no fundo a representação de um mundo perdido, mas que vive permanentemente com ele.

A questão da Arte Bruta e da Arte Naïf

Impõe-se numa análise da obra de Vítor Teixeira questionar se faz sentido cruzar a sua produção com os quesitos relativos à Arte Bruta postulados por Jean Dubuffet, por exemplo no catálogo da exposição *L'Art Brut préféré aux arts culturels*²⁵ :

Nous entendons par là des ouvrages exécutés par des personnes indemnes de culture

artistique, dans lesquels donc le mimétisme, contrairement à ce qui se passe chez les intellectuels, ait peu ou pas de part, de sorte que leurs auteurs y tirent tout (sujets, choix des matériaux mis en oeuvre, moyens de transposition, rythmes, façons d'écritures, etc.) de leur propre fond et non pas des poncifs de l'art classique ou de l'art à la mode. Nous y assistons à l'opération artistique toute pure, brute, réinventée dans l'entier de toutes ses phases par son auteur, à partir seulement de ses propres impulsions. De l'art donc où se manifeste la seule fonction de l'invention, et non celles, constantes dans l'art culturel, du caméléon et du singe.

A resposta não é, nem pode ser, linear. Efetivamente Vítor Teixeira cumpre claramente alguns postulados, nomeadamente o seu quadro clínico, as características de algumas das suas obras, sobretudo as das etapas iniciais, nomeadamente os autorretratos, mas há duas características que o afastam.

A primeira é a sua formação, ou seja, não é um autodidata puro, não faz, nem pode fazer, parte do grupo das «[...] personnes indemnes de culture artistique [...]»²⁶ como disse Jean Dubuffet, já que recebeu formação na área do desenho e da pintura, embora de alguma forma se possa considerar um longo hiato motivado pela doença, entre a frequência das aulas na Sociedade Nacional de Belas Artes acompanhadas duma prática e de uma exercitação e o retomar da atividade, agora sim, de forma continuada já na Casa de Saúde do Telhal. Tal falta de prática, mais até do que eventualmente a doença de que sofre, motivou efetivamente uma regressão nas suas capacidades técnicas, mas que depois o autor compensou através de uma disciplinada e contínua prática oficial.

A segunda diz respeito ao desenvolvimento que a sua produção artística sofreu. Sem dúvida que as suas obras mais recentes evidenciam, certamente derivado do que anteriormente se disse em termos de exercitação contínua nas áreas do desenho e da pintura, um claro progresso, nomeadamente em termos de composição, de poder de síntese, mas também na profunda alteração da paleta cromática, que se afastou claramente da intensidade das obras anteriores. Acresce uma serenidade evidenciada nas últimas obras e que perpassa em toda a exposição *Traços familiares*, onde novos valores se expressam (imagem 8).

Os postulados anteriormente referidos mantêm-se se o cruzamento, desta vez, for feito com a Arte Naïf. Ao analisar o que caracteriza as obras denominadas de naïf, ou a produção dos seus mais destacados autores, nomeadamente a pintura de Henri Rousseau, *Le Douanier*, verifica-se que a matriz da obra que aqui é analisada não é de toda a falta de perceção do espaço, a falha na representação das proporções, demonstrativa da falta de ferramentas técnicas, a utilização de uma paleta cromática muito variada e viva e até uma certa espontaneidade da representação. Efetivamente, tal pode não ter correspondência com a obra do autor aqui "dissecado", mas poderá existir



Figura 8: Vítor Teixeira - Na praia
(fotografia de Paulo Teixeira)

alguma eventual afinidade se a abordagem for ao nível da pureza e simplicidade com que representa os temas que escolhe.

Conclusão

Em jeito de conclusão, sendo esta obviamente provisória, já que se espera que Vítor Teixeira continue no futuro a produzir, a expor as suas obras e que estas possam evidenciar um desenvolvimento na sua forma de criar, seja permitido citar Vítor Hugo que se aplica de forma absoluta ao que Vítor Teixeira pinta:

«La mélancolie est un crépuscule. La souffrance s'y fonde dans une sombre joie.
La mélancolie, c'est le bonheur d'être triste.»²⁷

A enquadrar o presente artigo, citou-se um pequeno trecho da obra *Tiger Lily* de Jodi Lynn Anderson, derivada da peça de J. M. Barrie - *Peter and Wendy*, que é mais conhecida pela designação que a popularizou, a da personagem Peter Pan, que expressa não só a inocência imanente à obra e ao próprio Vítor Teixeira, mas que é a razão da sua existência, a de produzir uma obra que faz parte de um mundo que não é só próprio ao artista, que com a sua obra se oferece, se dissemina e perpetua.

O universo de Vítor Teixeira é sem dúvida muito particular e a sua vida ganhou sentido através de uma produção artística que não estagnou, nem encontrou justificação na doença de que sofre, pelo que, mercê de um enorme esforço de autodisciplina, de um intenso trabalho oficial, mas também de uma visão criativa, lhe permitiu encontrar um caminho por onde passa também a sua forma de comunicar com o mundo, um mundo mais próximo, o dos que com ele coabitam e a sua família, mas igualmente um mundo mais lato, os que fruem as suas criações, é nessa conjugação que o artista é feliz.

Há efetivamente na melancolia de Vítor Teixeira uma felicidade, que perpassa pelas suas

obras, mas também uma admiração pelo mundo em que vive, algo que jamais se perderá, devido a uma puerilidade sempre mantida, mas também graças ao facto de tudo estar enquadrado por uma busca que jamais se esgota, que tem sempre um denominador, a expressão pela Arte.

Notes

¹ Veja-se a este respeito Arley Andriolo – “A recepção da exposição de Arte Incomum e o problema da duração dos julgamentos artísticos” in *Visualidades*. Goiânia: 2010, julho-dezembro, vol. 8, n.º 2, pp. 98-99.

² Sobre a questão dos benefícios para a saúde através da Arte veja-se, entre muitos outros, de Dafna Regev e Liat Cohen-Yatziv – “Effectiveness of Art Therapy With Adult Clients in 2018 – What Progress Has Been Made?” in *Frontiers in Psychology*. Lausanne : 2018, vol. 9, disponível em <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2018.01531/full>, acedido a 10 de agosto de 2020.

³ Cit. Júlio Dantas - *Pintores e poetas de Rilhafoles*. Lisboa : Livraria Editora Guimarães, Libanio & C.ª, 1900, p. 7.

⁴ Judith Schlesinger – “Creative mythconceptions: A closer look at the evidence for the “mad genius” hypothesis.” in *Psychology of Aesthetics, Creativity, and the Arts*. S.l.: maio de 2009, vol. 3(2), pp.62-72.

⁵ Cumpre agradecer a ajuda da Dr.ª Raquel Pedro que correspondeu a todas as solicitações e cujo apoio e informações foram absolutamente preciosos para a elaboração do presente artigo. A Dr.ª Raquel Pedro é responsável pelo ateliê artístico Estúdio de Arte / ExpressAR. TE integrado no ExperimentARTE da Casa de Saúde do Telhal, onde também orienta os projetos artísticos. Técnica superior, licenciada em Artes Plásticas – Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, tem uma pós-graduação em Psicologia – Desenvolvimento Sensorial e Cognitivo

pelo Instituto Piaget e uma pós-graduação em Ciência Cognitiva pela Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.

⁶ Veja-se a este respeito o texto de John M. MacGregor - “Expressionism and the Art of the Insane” in *The Discovery of the Art of the Insane*. Princeton : Princeton University Press, 1989, pp. 222-244.

⁷ Álvaro de Carvalho e Paula Domingos (coords.) - *Saúde Mental e Arte : Formas de expressão pela Pintura, Escultura e Fotografia*. Lisboa : Direção-Geral de Saúde, 2013. Disponível em <https://www.dgs.pt/documentos-e-publicacoes/saude-mental-e-arte-pdf.aspx>, acedido a 12 de agosto de 2020.

⁸ Cit. Paula Domingos – “Direito à Cultura” in Álvaro de Carvalho e Paula Domingos (coords.), ob. cit., p. 11.

⁹ Dino Formaggio – *Arte*. Milano: Isedi, 1977, 2.ª ed., p. 11.

¹⁰ «O que faz que uma obra seja considerada uma obra de arte? A determinação do autor. Arte, então, é aquela que o autor concebe, produz, homologa como sendo arte.» Anabela Mota Ribeiro – “Entrevista: Vicente Todoli” in *DNA in Diário de Notícias*, 13 de setembro de 2003, ano 7, n.º 354, p. 10.

¹¹ Veja-se a este respeito Frederico Morais - *Artes plásticas: a crise da hora atual*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

¹² Cit. Paula Domingos – “Direito à Cultura” in Álvaro de Carvalho e Paula Domingos (coords.), ob. cit., p. 11.

¹³ António Reis - *Jaime*. Centro Português de Cinema, 1974. Sobre este filme leia-se, de Marta Sofia Ribeiro - *Um espaço*

interior: para uma leitura fílmica da obra de António Reis e Margarida Cordeiro. Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação. Lisboa : Universidade Nova de Lisboa, 2010. Disponível em <http://hdl.handle.net/10362/7202>, acessado a 10 de agosto de 2020 e, sobretudo, a entrevista de João César Monteiro a António Reis - “O inesperado no cinema português” in *Cinéfilo*. Lisboa : 20 a 26 de abril de 1974, n.º 29, pp. 23-32. Disponível em https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/382/1/joao_cesar_monteiro.pdf, acessado a 10 de agosto de 2020.

¹⁴ Jaime. Catálogo da Exposição de Jaime Fernandes. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian 1980.

¹⁵ Maria Otilia Bocchini (Ed.) - *XVI Bienal de São Paulo : Catálogo Geral*. São Paulo : 1981, vol. 3, pp. 82-85.

¹⁶ Fora do mundo das artes, mas importante para a compreensão da biografia do autor, não será despendendo referir que se dedicou a fundo à prática desportiva, em particular ao atletismo, onde teve, aliás, resultados assinaláveis e recebeu vários prémios.

¹⁷ Kimon Nicolaïdes - *The Natural Way to Draw: A Working Plan for Art Study*. Boston : Houghton Mifflin Company, 1941, p. XIII.

¹⁸ De acordo com as informações prestadas pela Dr.ª Raquel Pedro.

¹⁹ Vitor Teixeira, 2020, dezembro, 7.

²⁰ Álvaro de Carvalho e Paula Domingos (coords.), ob. cit., Álvaro de Carvalho e Paula Domingos (coords.), ob. cit., p. 62.

²¹ AA.VV. - *Catálogo de Obras de Arte* Lisboa : Associação Nacional de Arte e Criatividade de e para Pessoas com Deficiência (ANACED), 2015.

²² Umberto Eco - *Obra Aberta*. São Paulo : Ed. Perspectiva, reed. 1991, p. 280.

²³ Ibidem.

²⁴ De acordo com as informações prestadas pela Dr.ª Raquel Pedro.

²⁵ Jean Dubuffet - *L'Art Brut préféré aux arts culturels*. Catálogo de exposição. Paris: Galerie René Drouin, 1949, s.p..

²⁶ Ibidem. A este respeito pode ser citando um outro caso, de enorme sucesso, mas ainda mais perturbante, o de Artur Moreira, com uma produção e um grau de visibilidade enorme, com um número muito relevante de exposições e em espaços prestigiados, como a Sala do Veado. Artur Moreira é formado em Arquitetura e faz uma arte claramente experimental em fotografia, vídeo e desenho, de uma erudição pouco habitual, mas depois é considerado como criador de Arte Bruta e assim adquirido por importantes coleções.

²⁷ Victor Hugo - *Les Travailleurs de la Mer*. Paris, Librairie de l'Édition Nationale, 1892, vol. 2, p. 253.

Bibliografia

Jaime. Catálogo da Exposição de Jaime Fernandes. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian 1980.

AA.VV. - *Catálogo de Obras de Arte Lisboa* : Associação Nacional de Arte e Criatividade de e para Pessoas com Deficiência (ANACED), 2015.

ANDRIOLO, Arley - "A recepção da exposição de Arte Incomum e o problema da duração dos julgamentos artísticos" in *Visualidades*. Goiânia : 2010, julho-dezembro, vol. 8, n.º 2

BOCCHINI, Maria Otilia (Ed.) - *XVI Bienal de São Paulo : Catálogo Geral*. São Paulo : 1981, vol. 3.

CARVALHO, Álvaro de e DOMINGOS, Paula (coords.) - *Saúde Mental e Arte : Formas de expressão pela Pintura, Escultura e Fotografia*. Lisboa : Direção-Geral de Saúde, 2013.

DANTAS, Júlio - *Pintores e poetas de Rilhafoles*. Lisboa : Livraria Editora Guimarães, Libanio & C.^{ia}

DUBUFFET, Jean - *L'Art Brut préféré aux arts culturels*. Catálogo de exposição. Paris: Galerie René Drouin, 1949.

ECO, Umberto - *Obra Aberta*. São Paulo : Ed. Perspectiva, reed. 1991.

FORMAGGIO, Dino - *Arte*. Milano: Isedi, 1977, 2.^a ed.

HUGO, Victor - *Les Travailleurs de la Mer*. Paris, Librairie de l'Édition Nationale, 1892, vol. 2.

MACGREGOR, John M. - *The Discovery of the Art of the Insane*. Princeton : Princeton University Press, 1989.

MONTEIRO, João César - "O inesperado no cinema português" Entrevista a António Reis in *Cinéfilo*. Lisboa : 20 a 26 de abril de 1974, n.º 29, pp. 23-32. Disponível em https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/382/1/joao_cesar_monteiro.pdf.

MORAIS, Frederico - *Artes plásticas: a crise da hora atual*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

NICOLAÏDES, Kimon - *The Natural Way to Draw: A Working Plan for Art Study*. Boston : Houghton Mifflin Company, 1941.

REGEV, Dafna e COHEN-YATZIV, Liat - "Effectiveness of Art Therapy With Adult Clients in 2018 – What Progress Has Been Made?" in *Frontiers in Psychology*. Lausanne : 2018, vol. 9. Disponível em <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2018.01531/full>.

RIBEIRO, Anabela Mota - "Entrevista: Vicente Todoli" in *DNA in Diário de Notícias*, 13 de setembro de 2003, ano 7, n.º 354.

RIBEIRO, Marta Sofia - *Um espaço interior: para uma leitura fílmica da obra de António Reis e Margarida Cordeiro*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação. Lisboa : Universidade Nova de Lisboa, 2010. Disponível em <http://hdl.handle.net/10362/7202>.

SCHLESINGER, Judith - "Creative mythconceptions: A closer look at the evidence for the "mad genius" hypothesis." in *Psychology of Aesthetics, Creativity, and the Arts*. S.l.: maio de 2009, vol. 3(2), pp.62-72.

Filmografia

REIS, António - *Jaime*. Centro Português de Cinema, 1974